



Questão 1 - Uma reflexão sobre o ensino de Literatura Africana de língua portuguesa no Brasil pode partir da simples, porém poderosa afirmação de Antônio Cândido de que "A literatura é o próprio homem". Esse pensamento nos leva a duas questões: (i) que literatura ensinamos e (ii) que indivíduos formamos nas escolas brasileiras. Há uma representação / formação de sociedade na literatura escolar que nos permita reafirmar, ética e academicamente, Cândido.

Em um primeiro momento, a lei 10639, de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas brasileiras vem como um reparo que visa ajustar a formação literária do estudante brasileiro à sua identidade. Com uma sociedade majoritariamente negra, o currículo escolar brasileiro é majoritariamente branco e europeu, principalmente em História e Literatura. A lei, então, visa legalmente direcionar que esse conteúdo contemple as matrizes africanas da sociedade brasileira.

Esse direcionamento tem mérito e sentido. No ensino fundamental, por exemplo, o estudo do gênero discurso mito é base para a maioria dos livros didáticos, nos mitos gregos. Os mitos brasileiros conhecem figuras como Zeus, Atenas, Héracles, mas por que essa base não poderia ser africana? A mitologia iorubá, por exemplo, é riquíssima de elementos, possui narrativas e estrutura textual, e permite o estudo do gênero ao mesmo tempo que os mitos europeus.

Dessa forma, a obrigatoriedade da lei é justificável já que a tradição do ensino de literatura é europeia. Porém, a lei, como ~~um~~ instrumento único, não funciona. O que se observa nos livros didáticos de ensino médio são unidades dedicadas a textos africanos que se encontram no final dos compêndios, os capítulos finais, esquecidos pelos professores que seguem a ordem proposta nos manuais.

e, já no fim do ano, não têm tempo de trabalhá-los.
Por outro lado, a culpa não pode ser arremessada simplesmente ao docente. Os literaturas africanas têm pouco espaço em termos de prestígio na formação do profissional de Letras - e daí, peço licença à digressão para incluir o locutor como um exemplo de profissional formado em Letras, em uma universidade federal, que não tem disciplina de literaturas africanas. Além da formação, nem os PCN's nem a base curricular mostram a formalização do conteúdo de literatura africana, tratando-o, em alguns trechos, como conteúdo transversal. Isso faz com que o trabalho com essas literaturas ~~fique~~ dependa da boa vontade e da formação continuada - na maioria das vezes não incentivada - do professor.

Nessa forma, atualmente, a lei não garante o ensino de literaturas africanas no Brasil. É necessário investimento na formação do profissional, além da formalização do conteúdo, para que possamos voltar à lámoda e afirmar que a literatura que ensinamos é o aluno que recebemos.

Questão 2 - A análise da língua é um conteúdo que desperta aversão a alguns estudantes, cuja justificativa para a negação dos estudos de gramática, muitas vezes, é a funcionalidade desses conteúdos. Um dos papéis do educador é justamente dar sentido aos estudos analíticos, mostrando como a fonologia, a sintaxe, a morfologia são lugares de ~~seus~~ recursos de sentido. Nessa direção, os processos morfológicos são recursos de expressividade de construções de sentido, que podem ser explorados nos estudos literários.

No mesmo médio, etapa em que há um aprofundamento dos estudos de morfologia em Língua Portuguesa, e

um foco - questionável, como vimos na questão anterior - na literatura africana, a relação entre formação e estrutura de palavras e recorrência expressiva literária, é possível. Na análise literária, processos como a derivação - ~~podem~~ ~~ser~~ ~~mais~~ ~~produtivos~~ em textos literários justamente por serem mais arbitrários e "livres" do que os processos flexionais - podem figurar como construtores de sentido, e ao tomá-los como "in natura", no texto, e não como elementos que funcionam sozinhos, a análise passa a ser textual e derivativa.

Outro ponto de encontro entre ~~o~~ estudo de literatura africana e morfologia é o comportamento de certos vocábulos, e principalmente das formas plenas, tomando a definição de Mattoso, na língua portuguesa africana. É interessante notar também como determinados vocábulos são produtivos em uma língua e não na língua irmã, assim como a atribuição de diferentes sentidos para os mesmos elementos.

A morfologia, então, assim como a sintaxe e a fonologia, são instrumental de análise literária, que, levadas para a sala de aula, desmistificam a análise da língua como estudo em si mesmo.

Questão 3 - O texto literário no Ensino Fundamental II ~~é~~ ~~aparece~~ ~~atrelado~~ ao estudo dos gêneros discursivos, diferente do Ensino Médio, quando os textos são formalizados de acordo com as escolas literárias. Assim, o estudo de romances, lendas, contos e romances de aventura, ~~o~~ poesia e cordal, gêneros tradicionalmente abordados no fundamental, é a oportunidade do professor desenvolver reflexões sobre os elementos que formam o texto literário.

Um dos primeiros desafios é levar o aluno à compreensão

da inutilidade funcional do texto literário. Diferente de gêneros como ~~o anúncio~~ ~~o anúncio~~ ~~o anúncio~~ anúncio publicitário, cuja função social é clara e utilitária - vender um produto - os textos literários não apresentam utilidade, assim como toda produção artística. Partindo então de uma tradição de estudo de gêneros discursivos bakhtiniana na qual aponta todo gênero como a realização social de uma função social, é importante relativizar essa função no texto literário como artística, e não utilitária. Um dos caminhos, já que ao ~~mostrar~~ apresentar a literatura como inútil leva-se o aluno à questão "Por que então se escreve literatura?", é partir do conceito de catarse, metáfora grega que é didática e compreensível para a faixa etária. Quanto a literatura como um "ônibus" como Lino e Priquico leva o aluno a entender por que se produz arte em uma sociedade extremamente utilitária.

Na poesia, na crônica e nos romances ficcionais, exemplos de gêneros presentes nos livros didáticos do sexto ao nono ano, pode-se trabalhar outro elemento do texto literário: a ~~sub~~ formação do sujeito. Desde o eu lírico até a construção de narrador e ^{dos} personagens, é necessário que o aluno compreenda a projeção que se faz ao construir os sujeitos no texto, e como esses sujeitos representam identidades e é poéticas. Nesse ponto, também se faz necessário a abordagem sobre ponto de vista e foco narrativo.

A apreciação estética da literatura é parte da formação do indivíduo, sendo, por consequência, ~~um~~ aspecto que deve ter lugar na escola.